

DATA LUTA



BOLETIM DATA LUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, fevereiro de 2020, número 146. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATA LUTA

MANIFESTAÇÕES DO CAMPO NO TRIÂNGULO MINEIRO: ESPAÇOS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE UBERABA (MG)

ARTIGO DO MÊS

PELO CONTROLE CAMPONÊS DA PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS: A SOBERANIA ALIMENTAR

<http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php>

EVENTOS

XX Encontro Nacional de Geografia – ENG 2020

FFLCH-USP/São Paulo – São Paulo, 13 a 17 de julho de 2020.

X Encuentro Latinoamericano de Estudiantes de Geografía – ELEG 2020

Heredia e San José – Costa Rica, 03 a 07 de agosto de 2020.

PUBLICAÇÕES, VÍDEOS E POD TERRITORIAL



Experiências históricas de Reforma Agrária no mundo.

Org.: João Pedro Stédile.

Este livro, primeiro volume de uma coleção sobre a reforma agrária no mundo, apresenta o debate em torno das diferentes experiências de reforma agrária nos diferentes países, uma vez que o conhecimento destas experiências é uma grande lacuna imposta a nós pela hegemonia dos interesses do capital e do latifúndio como um todo.



De Olho nos Ruralistas

Realização: De Olho nos Ruralistas.

De Olho nos Ruralistas é um observatório jornalístico sobre o agronegócio no Brasil. Em foco, os impactos sociais e ambientais e o poder político e econômico dos ruralistas. A produção do portal e dos boletins diários (sobre Ambiente, Agronegócio, Comida e Conflitos) é mantida pelos assinantes. Para ver: <https://deolhonosruralistas.com.br/>



PodCast Unesp – Pod Territorial.

Autores: Vários

O PodCast Unesp, em parceria com a Cátedra Unesco Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial, publica semanalmente noticiário sobre Reforma Agrária, povos de diferentes etnias, questões geográficas e outros assuntos que colaboram significativamente no desenvolvimento social. Para ouvir/baixar: <http://podcast.unesp.br/>.

EQUIPE:

Edição: Danilo Valentin Pereira e Lucas Pauli (bolsista FAPESP).

Coordenação: Janaína F. S. C. Vinha, Eduardo P. Girardi, Valmir J. de O. Valério (bolsista FAPESP) e Danilo Valentin Pereira.

Leia outros números do BOLETIM DATA LUTA em www.fct.unesp.br/nera

MANIFESTAÇÕES DO CAMPO NO TRIÂNGULO MINEIRO: ESPAÇOS DE LUTAS E RESISTÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE UBERABA (MG)

Beatriz Silva da Costa

Graduanda em Geografia – UFTM
Bolsista de iniciação científica - CNPq
bia.scosta2@gmail.com

Janaina Francisca de Souza Campos Vinha

Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais (IELACHS) - Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Coordenadora do Núcleo de Estudos Territoriais e Agrários (NaTERRA) e do Projeto DATALUTA-PROEXT-UFTM
janaina.vinha@uftm.edu.br

João Cleps Junior

Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
Laboratório de Geografia Agrária - LAGEA
Coordenador da Pesquisa DATALUTA-MG
jcleps@ufu.br

Fabiana Borges Victor

Doutoranda em Geografia. Laboratório de Geografia Agrária - LAGEA
Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
fabianabvictor@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho possui como objetivo a reflexão sobre as manifestações realizadas pelos movimentos socioterritoriais do campo nos espaços urbanos, sendo elas um elemento importante na criação e manutenção dos territórios camponeses. Tal trabalho, a partir da contextualização brasileira e de Minas Gerais, realiza uma análise para o município de Uberaba (MG), localizado geograficamente na mesorregião geográfica do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, com o recorte entre os anos de 2000 até 2016.

A partir da utilização de abordagens quantitativas e qualitativas, buscou-se analisar essas manifestações no município, bem como seus tipos, reivindicações e movimentos socioterritoriais mais atuantes. Foram realizadas análises das manifestações no estado de Minas Gerais e no recorte do município de Uberaba (MG) empregando o Banco de Dados da Luta pela Terra (DATALUTA).

As manifestações são formas de luta e ações socioespaciais que buscam reivindicar e protestar por direitos, assim como por melhores condições de vida no campo. Entende-se a necessidade de analisar melhor as lutas e seus significados na região no contexto estadual e nacional, visto que Uberaba possui uma intensa presença do agronegócio, ancorado na agropecuária e no latifúndio. Com o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, inaugura-se a segunda fase neoliberal no Brasil, com profunda crise no sistema político-institucional e de aumento dos conflitos socioterritoriais.

Para a construção dessa reflexão, além dessa introdução, o presente texto está organizado três partes. Na primeira discutimos brevemente questões teóricas e metodológicas sobre as manifestações no Brasil; na segunda realizamos uma análise dos dados levantados sobre Minas Gerais utilizando como

exemplo o município de Uberaba e, no item final, buscamos elaborar uma síntese dos resultados das questões abordadas.

AS MANIFESTAÇÕES NO CAMPO BRASILEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

As manifestações são estratégias de luta e resistência organizadas por movimentos socioterritoriais que visam reivindicar condições dignas e justas para a população camponesa. A maioria das manifestações ocorrem nas cidades e em grandes centros urbanos, e objetivam denunciar, ao tornar público, as mazelas e problemas sociais enfrentados, assim, espacializam as lutas do campo em ações nas cidades. Configuram-se também como uma maneira de pressionar o Estado e, ao mesmo tempo, despertar a consciência crítica na população das cidades (PEREIRA, 2015). Elas são compreendidas pelas suas formas de atuação, espaços de ocorrência, movimentos socioterritoriais atuantes e reivindicações (PEREIRA, 2015).

Manifestação é compreendida como atos públicos em um ou vários locais com a participação de organizações sociais, camponesas e do agronegócio que explicitem as conflitualidades da questão agrária. As manifestações relacionadas ao campo brasileiro têm sido registradas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) desde 1988 e pela Rede Dataluta desde 2009. Com as confrontações dessas duas bases, a partir do ano 2000, vem sendo contabilizado diversos tipos de ações realizadas pelos movimentos socioterritoriais no Brasil e em Minas Gerais.

No Brasil, ocorreram ao todo entre os anos de 2000 e 2016 12.554 manifestações, que envolveram 7.049.073 de pessoas. Dentre estes números, destaca-se um maior percentual na região Nordeste, que representa 34,4% das manifestações do Brasil. Em contrapartida, a região Norte foi a que menos manifestações foram realizadas, somando 14,3% do total brasileiro. A ordem se repete quando se discute o número de pessoas envolvidas. O Nordeste destaca-se com a maior representatividade, somando 36,1%, e Norte com um menor número, 10,3% (DATALUTA, 2017).

Nos últimos tempos nota-se que elas vêm conquistando um espaço maior na esfera midiática, e sobre isso João Pedro Stédile, coordenador nacional do MST, afirma que:

Agora a ocupação de terras é insuficiente para enfrentar o modelo do agronegócio. Por isso, além das ocupações, o MST deve desenvolver novas formas de luta, que envolvam todos os camponeses e outros setores da sociedade interessados em mudar esse modelo de exploração agrícola, que agride o ambiente e produz alimentos contaminados (STEDILE, 2010, s/p.).

Por elas serem uma maneira de tornar público o cenário de conflitos sociais, as ações de tais manifestações pressionam o Estado, e também buscam evidenciar as circunstâncias de interesse da população, mas que geralmente são disfarçadas pelo discurso dominante. Desta forma, elas ocorrem com o objetivo de se fazerem conhecidas, sendo realizadas em lugares representativos para alcançar maior repercussão.

As manifestações evidenciam a permanência e o acesso do processo de luta, em especial, a contínua disputa por uma parcela do território. Segundo Raffestin (1993, p. 60), *“o território é um espaço político por excelência, o campo da ação dos trunfos”*. *“As relações sociais produzem os espaços e os espaços produzem as relações sociais (...) Este movimento ininterrupto é o processo de produção do*

espaço e de territórios”, e que “a formação de territórios é sempre um processo de fragmentação do espaço” (FERNANDES, 2008, p. 3).

As manifestações representam a continuidade de um processo de (re)produção do campesinato, que pode ser iniciado com a conquista do assentamento, isto é, de uma parcela do território, mas que não cessa, uma vez que a luta pela permanência na terra é uma realidade que aflige e mobiliza esses sujeitos na realização de ações nas cidades. Por isso, compreendemos que as manifestações são expressões da luta de movimentos socioterritoriais que acontecem em espaços que emanam conflito, disputas e tensões do campesinato.

AS MANIFESTAÇÕES EM MINAS GERAIS E NO TRIÂNGULO MINEIRO: UBERABA EM FOCO

Os registros das manifestações no estado mineiro correspondem semelhantemente às conjunturas políticas do país e eventos que ocorrem particularmente no próprio estado. Em cada período, e diante as possibilidades de diálogo entre o governo e os setores da sociedade que demandam mais atenção de políticas governamentais, são produzidos atos públicos e reivindicações expostas em cada ação. Notadamente, esta é uma importante forma de luta promovida pelos movimentos socioterritoriais que buscam, por meio de ações coletivas, uma contínua transformação da sociedade e de promover a justiça social.

As manifestações em Minas Gerais entre 2000-2016 compreenderam cinco governos, iniciando com o FHC-2 (1999-2002), os dois períodos de Lula (2003-2006/2007-2010) e praticamente terminando nos dois governos Dilma (2011-2014 e 2015-16). As manifestações no estado chegaram ao pico em 2011 - primeiro ano do Governo Dilma.

De acordo com a pesquisa Dataluta Minas Gerais, as manifestações representadas anualmente nos Relatórios do estado demonstram a concentração de manifestações na região metropolitana e na cidade de Belo Horizonte. Foram 325 ações de um total de 821 registradas no Estado, aproximadamente 40% no período 2000-2016 (Gráfico 1). A mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba, a 3ª maior em número de manifestações, tem representado uma das principais regiões do Estado nessa esfera. Em quantidade, além da capital do estado, que lidera de longe o total no período em análise, os municípios da região com maior destaque são Uberlândia, que ocupa a 2ª posição (53 registros), e Uberaba, considerada a 6ª maior em número de ações (13 registros).

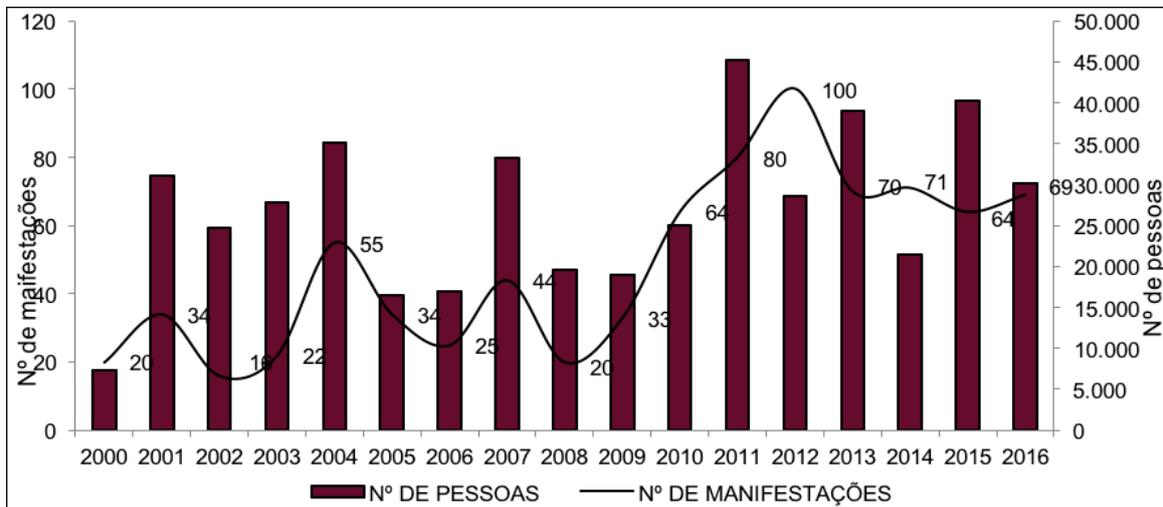
Minas Gerais é a principal UF quanto ao número de manifestações no contexto da região Sudeste, e especialmente expressiva no que diz respeito à quantidade de pessoas envolvidas, com destaque para o município de Belo Horizonte, capital mineira e principal palco das mobilizações.

Tal cenário assim se estrutura devido as representações políticas e jurídicas estarem centralizadas nas capitais, sendo estes os principais interlocutores das reivindicações. Desse modo, é nestas cidades que as manifestações do campo são mais numerosas, visando alcançar proporções significativas.

Os temas centrais reportados nos registros de manifestações em Minas Gerais envolvem as lutas e resistências das populações contra a privação de acesso à água e impactos (crimes) relacionados aos impactos sociais e ambientais dos empreendimentos de mineração e infraestrutura e as principais violações dos direitos (agressões e ameaças), como poderemos verificar em parte mais adiante.

A expressividade destes atos, relatados no gráfico 1, é diretamente proporcional ao descontentamento dos movimentos socioterritoriais com a política agrária praticada pelos governos estadual e federal, com medidas e políticas públicas que, na maioria das vezes, criam obstáculos para a continuidade da luta. Exemplo disso é a queda na criação de assentamentos e a criminalização dos movimentos.

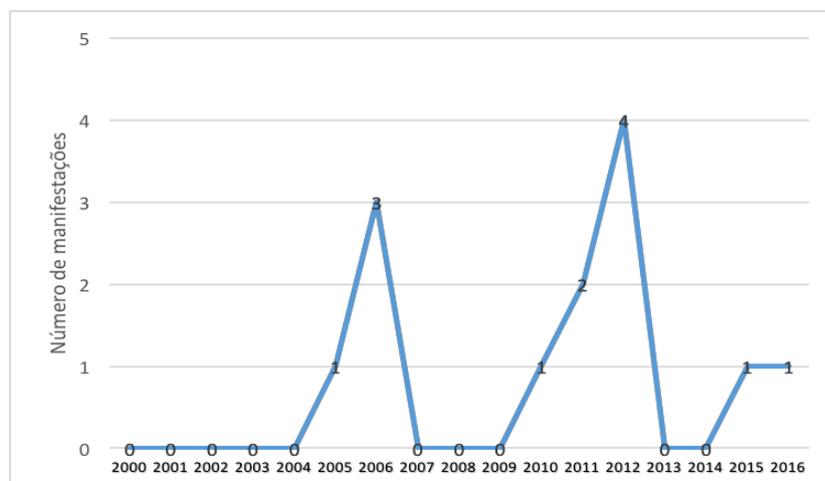
Gráfico 1: Minas Gerais – Número de Manifestações e de Pessoas por ano (2000-2016)



Fonte: DATALUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra, 2017.

Foi em 2012 o ano que mais houve manifestações no estado, totalizando 100, e em 2002 o ano com menor número, com 16. Sobre os registros das manifestações realizadas no município de Uberaba, foram somente 13 nos dezesseis anos analisados, ocorridas somente nos anos de 2005, 2006, 2010, 2011, 2012, 2015 e 2016 (Gráfico 2). Do mesmo modo, o ano com maior número de ocorrência de tais manifestações, também foi o ano de 2012, com 4 registros (DATALUA, 2017).

Gráfico 2: Uberaba - Número de manifestações registradas (2000-2016)



Fonte: DATALUTA, 2017. Org.: COSTA, B. S., 2020

O ano de 2012 foi de eleições, caracterizado por um período das maiores crises do governo Dilma Rousseff, com as greves realizadas pelo setor público federal que buscava, dentre outros pontos, reajuste salarial. Este número pequeno de manifestações está diretamente ligado ao processo histórico de desenvolvimento da cidade. Tal processo é fundado a partir da expansão do latifúndio e da pecuária, o que resultou em um poder concentrado nas elites agrárias, representado pelos antigos coronéis e que ainda possuem grande influência na política e economia do município.

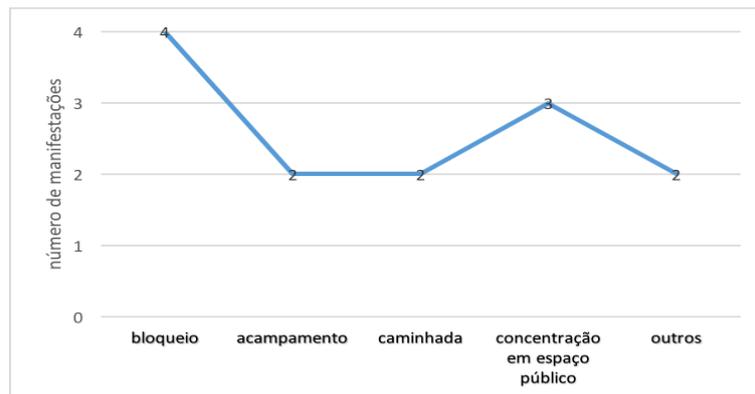
A cidade foi a principal do Oeste mineiro até meados do século XX e uma das mais antigas de todo o Triângulo Mineiro. No início, atuava como rota de passagem para os que queriam ir para Goiás e Mato Grosso, exterminando os índios Caiapós que viviam na região. Por possuir terras férteis e uma boa localização geográfica, houve um grande embate por sesmarias na região, originando a ascensão do poder dos fazendeiros que, além de monopolizar a terra, também monopolizaram as atividades voltadas ao comércio. As famílias camponesas ficaram responsáveis pela atividade pastoril e pela agricultura de subsistência (FONSECA, 2014).

A Guerra do Paraguai e o conseqüente incentivo para o alistamento da população uberabense deu maiores poderes aos fazendeiros, criando uma cultura política e um imaginário social sobre esse grupo. Nessa época, ganhou força concreta e simbólica a figura dos coronéis, sendo comum encontrar pessoas poderosas com patentes de coronel, tenente, major, capitão etc. “Assim, a instrumentalização do prestígio conferido pela concessão dos títulos se constituiria em um procedimento largamente utilizado para cooptar os chefes locais” e de exercer a violência física para legitimar seus poderes (FONSECA, 2014, p. 10).

Em Uberaba, o agronegócio constitui-se em modelo hegemônico de desenvolvimento territorial para o campo. A introdução da pecuária extensiva do gado Zebu no final do século XIX e início do XX fez do município referência mundial na criação e aprimoramento genético. A Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ) é considerada o maior centro de registro genealógico de gado Zebu do mundo (VINHA; MASSON, 2018). Desta forma, o modo de produção capitalista, alicerçado no latifúndio e no agronegócio, ganhou ímpeto em Uberaba, que hoje expandiu-se para o setor sucroalcooleiro, mantenedora de uma estrutura fundiária concentrada e desigual. Vinha e Masson (2018) explicam que dos 420 mil hectares ocupados por todas as propriedades rurais cadastradas, quase 60% está sob o controle do latifúndio, enquanto os pequenos abrangem apenas de 11% das terras.

Mesmo diante dessa hegemonia, o camponês resiste e luta. Em Uberaba registramos variados tipos de manifestações: 4 bloqueios, 3 concentrações em espaços públicos, seguido pelos acampamentos, caminhadas e “outros” tipos, com duas em cada uma. É interessante observar como os bloqueios se configuram como as ações mais realizadas na região, sobretudo pelo fato da repercussão ser mais extensa, gerando maior visibilidade para o movimento e suas reivindicações (Gráfico 3).

Gráfico 3: Uberaba- Principais tipos de manifestações (2000-2016)



Fonte: DATALUTA, 2017 Org.: COSTA, B. S., 2020

Para compreender melhor essa realidade, agrupamos a quantidade e o tipo de manifestações no estado para esse mesmo período. A predominância foi a concentração em espaços públicos, totalizando 214 ações – Tabela 1.

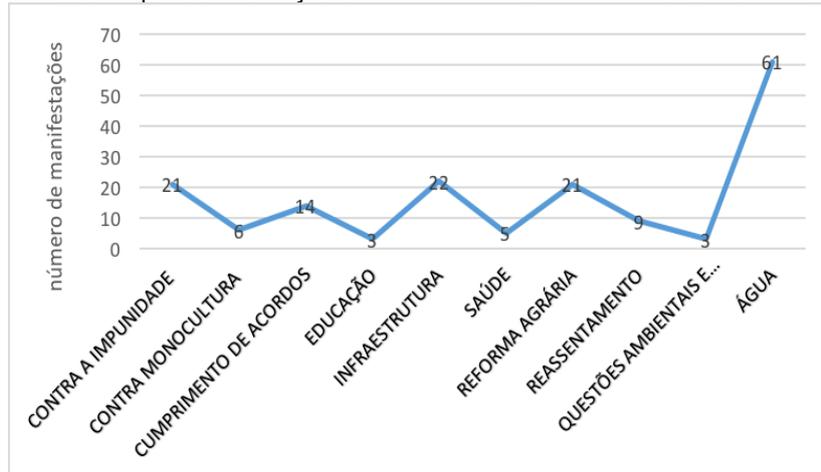
Tabela 1: Minas Gerais - Tipos de manifestações (2000-2016)

TIPOS	Quantidade	%
Acampamentos	29	3,5
Concentração em espaços públicos	214	25,9
Greve de sede/fome	3	0,4
Passeata/caminhada/marcha	113	13,6
Ocupação de prédios públicos/privados /bancos	120	14,5
Romaria/celebração religiosa	30	3,6
Temática	65	7,9
Cerco a construções	8	1,0
Bloqueios	133	16,1
Vigília	6	0,7
Audiência	8	1,0
Abraço	3	0,4
Encontro	5	0,6
Manifesto	5	0,6
Protesto/ato público	72	8,7
Outros	6	0,7
N.I	7	0,8
TOTAL	827	100

Fonte: DATALUTA, 2017 Org.: COSTA, B. S., 2020

Quanto aos tipos em Minas Gerais, temos principalmente as que reivindicam água, questões ambientais e trabalhistas, reassentamentos, reforma agrária, saúde, infraestrutura, educação, cumprimento de acordos, contra a monocultura e contra a impunidade. As mais praticadas são as por água, que ao todo foram 61. Na sequência, temos a luta por infraestrutura e reforma agrária, que somam 22 e 21 respectivamente. A luta contra a impunidade também soma 21, seguida por cumprimento de acordos com 14 e reassentamento com 9 (Gráfico 4).

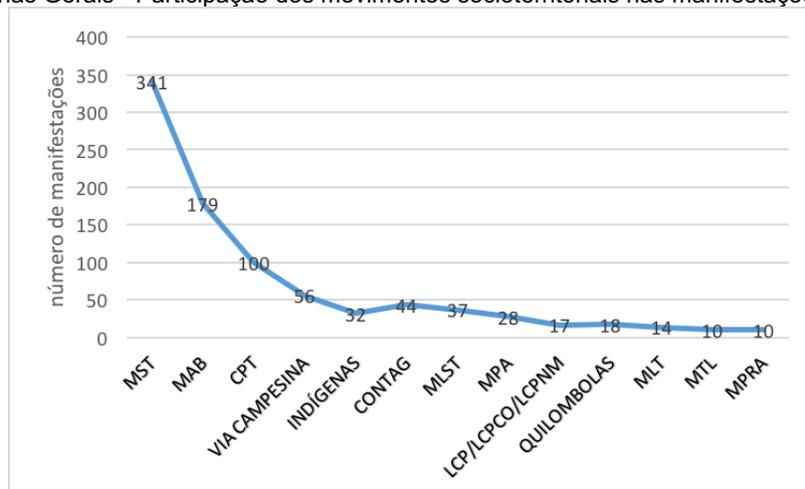
Gráfico 4: Minas Gerais - Principais reivindicações dos movimentos socioterritoriais em manifestações (2000-2016)



Fonte: DATALUTA, 2017. Org.: COSTA, B. S., 2020

Dentre os movimentos atuantes nas lutas em Minas Gerais, no Gráfico 5 destaca-se o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra) como o que possui mais representatividade na luta, somando 341 manifestações organizadas. Na sequência vem o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) com 179 manifestações organizadas, seguido pela CPT (Comissão Pastoral da Terra) com 100. Além destes, foram registradas ações da Via Campesina, CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra), MPA (Movimentos dos Pequenos Agricultores) LCP/LCPCO/LCPNM (Liga dos Camponeses Pobres/Liga dos Camponeses Pobres do Centro Oeste/Liga dos Camponeses pobres do Norte de Minas), Quilombolas, MLT (Movimento de Luta pela Terra), MTL (Movimento Terra Trabalho e Liberdade) e o MPRA (Movimento Popular de Reforma Agrária).

Gráfico 5: Minas Gerais - Participação dos movimentos socioterritoriais nas manifestações (2000-2016)

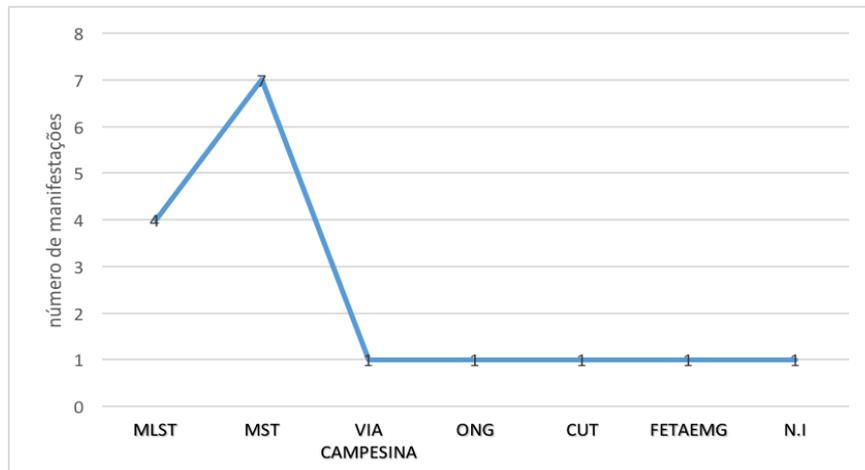


Fonte: DATALUTA, 2017 Org.: COSTA, B. S., 2020

Em Uberaba registramos que os movimentos mais atuantes no período de 2000-2016 foram o MST e o MLST. Houveram 13 manifestações somente neste município, e não há uma grande participação e

diversidade de movimentos atuantes. O movimento socioterritorial mais atuante é o MST com 7 organizações de manifestações, seguida pelo MLST, com 4. Depois temos a Via Campesina, ONG's, CUT (Central única dos Trabalhadores) e a FETAEMG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais) (Gráfico 6).

Gráfico 6: Uberaba - Participação dos movimentos socioterritoriais nas manifestações (2000-2016)



Fonte: DATALUTA, 2017 Org.: COSTA, B. S., 2020

Embora o MST tenha grande projeção nacional e estadual, têm atuado nas ações de manifestações outros movimentos na região, tais como o MLST. Segundo Victor (2016), o “MLST apresenta uma atuação mais regional, especificamente na mesorregião Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba com manifestações registradas sobretudo nos municípios de Uberlândia, Uberaba e Prata”, que tem reivindicado principalmente a reforma agrária como forma de amenizar a concentração de terras.

Foi possível identificar uma modesta expressão quanto às manifestações no município de Uberaba, consequência do processo histórico que se perpetua até hoje e que resulta na forte presença e influência do agronegócio e do latifúndio. Entretanto, mesmo diante da pujança e hegemonia do capital, o processo de luta pela terra é latente no estado, e revela a resistência e o enfrentamento do campesinato em Uberaba, que hoje possui dois assentamentos rurais – Tereza do Cedro e Dandara. Neste caso, foram discutidas as manifestações, ações que expressam a diversidade das lutas, cujas reivindicações e protestos denotam as problemáticas que assolam o campesinato.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho refletiu sobre as manifestações, assim como suas formas de atuação, tipologias, reivindicações e movimentos socioterritoriais envolvidos no estado de Minas Gerais e especificamente no município de Uberaba, região do Triângulo Mineiro.

Os temas centrais reportados nos registros de manifestações em Minas Gerais envolvem as lutas e resistências das populações contra a privação de acesso à água e impactos (crimes) relacionados aos impactos sociais e ambientais dos empreendimentos de mineração e infraestrutura e as violações dos direitos (agressões e ameaças). São ações que revelam a resistência de coletivos diante uma conjuntura

política que se mostra cada vez mais incompatível às demandas do campo, que pretende criminalizar os movimentos e, conseqüentemente, deslegitimar uma luta histórica.

A contribuição do estudo está no caráter original das análises das lutas sociais no campo em Uberaba. A partir dele foi possível ter uma perspectiva sobre esta forma de luta em busca pela terra e/ou políticas públicas pelos dos movimentos socioterritoriais, cujos bloqueios se configuram como as ações mais realizadas pelos movimentos em luta na região, promovidas principalmente pelo MST e MLST.

Esta análise encerra uma etapa na política geral e agrária com a destituição da presidente Dilma Rousseff e inaugura a segunda fase neoliberal no Brasil. Essa fase é de grande crise no sistema político-institucional, marcado por uma agenda de retrocessos nos direitos e na restrição das liberdades, com desdobramentos no aumento dos conflitos socioterritoriais e resistência popular diante das fortes ameaças ao Estado de direito e a democracia política no Brasil. A fragilização econômica, política e institucional do país, ancorada no apoio dos ruralistas e da elite financeira nacional e global, resultou na minimização das políticas sociais. Com isso, abre-se um novo ciclo de lutas em que os movimentos organizados e as classes subalternas no campo, em especial aqueles que constituem os trabalhadores sem terra, deixem de lutar por transformações na estrutura agrária.

REFERÊNCIAS

COSTA, B. S. **Manifestações do campo no município de Uberaba (MG): espaços de luta e resistência dos territórios camponeses**. 2019. Relatório de pesquisa (iniciação científica). Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, 2019.

DATALUTA, Banco de Dados da Luta pela Terra. **Relatório 2016 - Minas Gerais**. LAGEA – Laboratório de Geografia Agrária – IG/UFU. Coordenação: CLEPS JUNIOR, João; VINHA, Janaina Francisca de Souza Campos. Uberlândia, Minas Gerais. Junho de 2017. Disponível em : < <http://www.lagea.ig.ufu.br/relatoriosdatalutaminas.html>> . Acesso em 10 de out. 2019.

FERNANDES, B. M. Entrando nos territórios do Território. In: PAULINO, Eliane Tomiasi; FABRINI, João Edmilson (Orgs.). **Campesinato e territórios em disputa**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 273-302.

FONSECA, A. A. Uma história social de Uberaba. **História Revista**. Goiânia, v. 19, p. 197. 2014.

PEREIRA, D. V. **Participação política, desenvolvimento territorial e mudança social: um estudo das manifestações dos movimentos socioterritoriais no campo no estado de São Paulo no período 2000-2012**. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo (USP). Escola de Artes, Ciências e Humanidades. São Paulo, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

STEDILE, J. P. **O MST e a ocupação de terras**. 2010. Disponível em: < <https://mst.org.br/2010/04/07/o-mst-e-a-ocupacao-de-terras/>>. Acesso em 22 de abr. 2020.

VICTOR, F. B. **Conflitos socioespaciais no campo brasileiro: conteúdo das manifestações de luta pela terra em Minas Gerais no início do século XXI**. 2016. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

VINHA, J. F. S. C.; MASSON, G. A. Questão agrária em Uberaba (MG): estrutura fundiária, latifúndio e agronegócio. IN: GOMES, Marcos Antônio Silvestre; DANTAS, Sandra Mara, (Orgs.) **Olhares e dinâmicas sociais no Triângulo Mineiro**. 1 ed., Jundiá, 2018, p. 275-298.